

Aluno (a): _____

Nº _____

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 1ª SÉRIE:

PERFIL - CLARICE LISPECTOR

Leia com atenção todas as instruções:

- . Se for o caso, dê um título para sua redação. Esse título deverá deixar claro o aspecto da situação que você pretende abordar.
- . Se a estrutura do gênero exigir assinatura, escreva, no lugar da assinatura, JOSÉ ou JOSEFA.
- . Em hipótese nenhuma escreva seu nome, nem pseudônimo, nem apelido.
- . Utilize trechos dos textos motivadores, parafraseando-os.
- . Não copie trechos dos textos motivadores.

Leia o texto abaixo:

“Não escrevo para agradar ninguém”, repetiu Clarice Lispector inúmeras vezes, sempre que alguém se queixava de não entender o que ela queria dizer em suas obras. Sempre teve certeza de que se dedicaria a escrever, e de fato atuou não só como escritora, mas também como jornalista, escrevendo artigos de opinião, de cozinha e de moda. Lispector desejava ser considerada uma mulher normal, e aparentemente era, como mãe de dois filhos, esposa e cidadã de classe média. Entretanto, destacava-se em tudo, porque não era normal em nada do que fazia, e sim uma artista genial, impossível de enquadrar, reconhecida em seus círculos íntimos e nos ambientes literários do Brasil, mas quase nada no exterior, apesar de ter viajado muito durante seu pouco mais de meio século de vida. Clarice Lispector é considerada, junto com Guimarães Rosa, a grande escritora brasileira da segunda metade do século XX, graças ao seu estilo, entre a poesia e a prosa. Não se parecia com ninguém, e sua visão não recorda nenhum movimento, embora pertença à terceira fase do modernismo brasileiro, da chamada Geração de 45.

Chaya Pinkhasovna Lispector foi o nome que recebeu ao nascer, em 10 de dezembro de 1920, na localidade ucraniana de Chetchelnik. De origem judaica, foi a terceira filha de Pinkhas e Mania. Seu nascimento motivou uma pausa no caminho de fuga da família numa época de fome, caos e perseguição racial. Seu avô foi assassinado, sua mãe foi estuprada, e seu pai foi exilado, sem dinheiro, para o outro lado do mundo. No ano seguinte ao nascimento de Clarice, toda a família fugiu. Mais tarde, em 1922, para Maceió, onde alguns parentes já estavam. Ao chegar ao Brasil, Chaya recebeu seu novo nome: “Clarice”. A mãe dela, que tinha sido estuprada durante a Primeira Guerra Mundial e contraíra sífilis, morreu 10 anos depois. No Brasil, seu pai, um homem inteligente e liberal, sobrevivia vendendo roupas e mal conseguia sustentar a família. Quando Clarice tinha cinco anos, a família se mudou para o Recife, e aos 10 foi para o Rio. Graças a esse empenho do chefe da família, Clarice continuou sua educação até muito além do que era habitual mesmo para as meninas economicamente mais favorecidas, entrando num dos retdutos da elite, a Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Ali, na escola de leis, não havia judeus, e só três mulheres. Mas seus estudos de Direito deixaram poucas marcas na futura escritora, porque seu sonho ela perseguia nas redações dos jornais da então capital brasileira, onde sua beleza e seu brilhantismo já deslumbravam, com seus traços asiáticos, as maçãs do rosto salientes e os olhos um pouco rasgados. Era, além disso, uma jovem culta, que conhecia e lia com assiduidade os autores nacionais e estrangeiros de maior relevância, como Machado de Assis, Rachel de Queiroz, Eça de Queiroz, Jorge Amado e Fiodor Dostoievski. Aos 21 anos publicou Perto do Coração Selvagem, obra que escrevera aos 19 e que lhe valeu o prêmio Graça Aranha de melhor romance. Em 1943, Clarice Lispector se casou com um homem católico, algo raro naquele momento no Brasil. Tratava-se do diplomata Maury Gurgel Valente, que ela conheceu enquanto estudava Direito. No final daquele ano, o casal começou a viajar, por isso em pouco tempo ela não só tinha deixado a sua família, a sua comunidade étnica e seu país, mas também sua profissão, o jornalismo, no qual tinha uma reputação em alta. Durante 15 anos, até que se separaram, em 1959, Clarice levou uma vida tediosa de esposa perfeita, mas sempre saudosa do Brasil. Sua primeira viagem foi a Nápoles em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, como voluntária em hospitais para ajudar pracinhas brasileiros feridos. Em 1946 publicou seu segundo romance, O Lustre, e nos cinco anos seguintes a escritora viajou inúmeras vezes da Inglaterra a Paris, até que, finalmente, a família se instalou em Berna, onde nasceu seu filho, Pedro.

Clarice nunca encontrou seu lugar fora do Brasil e era propensa à depressão, mas na verdade foi graças a seu marido que conseguiu escrever, já que sua origem imigrante a tornou menos permeável às ideias da sociedade brasileira, e seu casamento foi um passo à frente em termos econômicos, porque nunca foi rica, mas tampouco teve que trabalhar em nada além de escrever. Era esposa e mãe, mas tinha ajuda em tempo integral para se dedicar a escrever, e podia fazê-lo num cômodo só para si.

Os temas tradicionais e cotidianos que tinham a ver com as mulheres, a maternidade, o cuidado com casa e os filhos – tudo isso já havia sido escrito antes, mas ninguém escrevera como ela. Talvez essa necessidade de ir além tenha significado para Clarice um novo idioma, com uma gramática estranha. Mas outra parte de sua estranheza no estilo e na forma podem decorrer da sua necessidade de inventar e transmitir sensações além dos fatos. Quem lê suas histórias do começo ao fim se vê afetado por uma busca linguística incessante e uma instabilidade gramatical que impedem uma leitura muito veloz e que às até dificulta uma compreensão imediata.

No final da década de 60, Clarice publicou no Jornal do Brasil alguns artigos mais pessoais nos quais se retratava de maneira íntima e que fizeram dela um nome popular, a tal ponto que seu cão Ulisses, que aparecia nesses relatos, se tornou uma lenda na cidade, como um dos poucos elos com a realidade brasileira, já que ela praticamente não falava de temas locais ou nacionais. Mas a escritora continuou sendo um enigma inexpugnável, que respondia com monossílabos à imprensa ou não se apresentava nas entrevistas, o que também aumentou sua lenda de artista e quase de mito. Como se sua ansiedade e tendência à depressão fossem pouco, um fato intensificou essa parte de sua personalidade. Em 1966, a escritora dormiu com um cigarro aceso, e seu quarto ficou destruído. Ela sofreu queimaduras em grande parte de seu corpo e passou vários meses internada. Sua mão direita, muito afetada, quase teve que ser amputada e jamais recuperou a mobilidade anterior. O acidente afetou seu estado de ânimo, e as cicatrizes e marcas no corpo lhe causaram contínuas depressões.

Clarice Lispector morreu na capital fluminense em 9 de dezembro de 1977, na véspera de completar 57 anos, vítima de um câncer. Sua despedida no hospital, a uma enfermeira, foi: “Morre meu personagem!”, talvez a melhor definição de sua literatura. Foi enterrada dois dias depois no cemitério do Caju, pelo rito judaico ortodoxo, envolta em linho branco. Sua lápide, simples, leva seu nome hebraico: Chaya Bat Pinkhas, que significa “Chaya, filha de Pinkhas”.

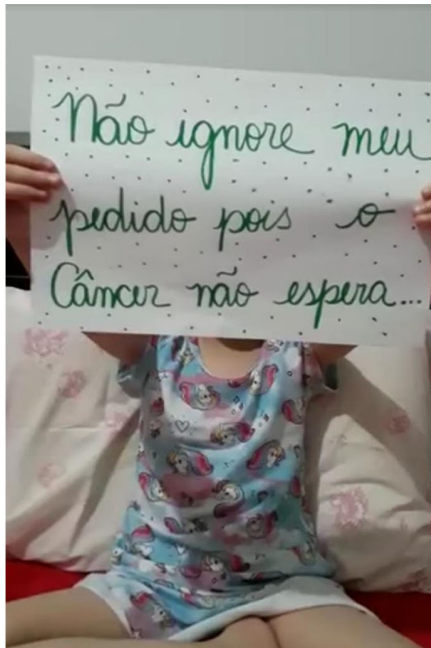
https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/10/cultura/1544426497_594113.html, adaptado

A partir do texto motivador, escreva o PERFIL da escritora CLARICE LISPECTOR.

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 2ª SÉRIE:

CARTA DE SOLICITAÇÃO - MAIS DIGNIDADE A DOENTES TERMINAIS EMPATIA É DIGNIDADE A DOENTES TERMINAIS

Texto I



https://hospitaldeamor.com.br/site/wpcontent/uploads/2020/06/luiza_paciente_video_hospital_de_amor_campanha.jpg

Texto II

A maioria das equipes que trata de pacientes terminais pensa que as preocupações deles se restringem à dor e aos sintomas da doença, o que leva esses profissionais a excluírem do tratamento a dimensão existencial. No entanto (...), há outras preocupações que os atingem (...), como o receio de se tornar uma carga para seus familiares. (...) Rever a vida, resolver conflitos pendentes, e preocupar-se com a situação da família após sua morte são assuntos recorrentes entre diferentes pacientes terminais.

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300012

Texto III

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) (...), os cuidados paliativos consistem na assistência ativa e integral a pacientes cuja doença não responde mais ao tratamento curativo. O principal objetivo é garantir melhor

qualidade de vida tanto ao paciente quanto aos seus familiares. Os cuidados paliativos destinam-se a controlar a dor e os demais sintomas, evitando o sofrimento do paciente. Os cuidados paliativos ainda são pouco discutidos, e até negligenciados, em vários países. São necessárias a criação de políticas públicas e a introdução de práticas voltadas ao bem-estar e à qualidade de vida desses pacientes, proporcionando-lhes assistência integral e digna, o tanto quanto possível, até o fim da vida. Cuidar desses pacientes envolve atos de responsabilidade, solidariedade e dedicação, além de competências e habilidades concernentes ao relacionamento interpessoal.

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422014000300019, com ajustes

Texto IV

Ainda não há muito o que fazer pelo paciente dito terminal. Do ponto de vista psicológico, o estímulo para mecanismos de enfrentamento, os quais o paciente pode ter desenvolvido e utilizado em outras situações difíceis em sua vida, são fundamentais para manter a autoestima e certa estabilidade emocional. Respeitar e estimular a relação que este e seus familiares têm com religião e espiritualidade podem ser essenciais para a experiência paliativa. (...) Não existe um projeto da psicologia hospitalar para que o paciente “morra feliz”, porém existe uma priorização para que, por meio de cuidados fornecidos pela equipe, haja uma morte digna, que pode se traduzir em morrer sem muita dor e com níveis de angústia suportáveis. É importante manter o paciente limpo, apesar de apresentar incontinência esfinteriana, neutralizar odores desagradáveis, aspirar secreções brônquicas, controlar edemas periféricos e pulmonar, prevenir e/ou cuidar das escaras (tão comuns em pacientes acamados), entre outros cuidados.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582009000100011

Redija uma CARTA DE SOLICITAÇÃO ao Ministro da Saúde, em cuja carta haja o pedido de levar adiante a necessária discussão sobre a empatia e a dignidade devidas aos doentes terminais. Sugira a ele estratégias eficientes para a conscientização social a respeito do assunto.



A CARTA DE SOLICITAÇÃO, como o próprio nome adianta, é um gênero textual cuja finalidade é encaminhar a órgãos públicas ou instituições privadas, solicitações/pedidos de providências, concessões, favores, licenças, prazos e demais situações ou que surgem, geralmente, em meio à comunidade.

Ainda que a estrutura seja maleável, a CARTA DE SOLICITAÇÃO, que pode ser escrita na 1.^a ou 3.^a pessoa do discurso, deve conter, a depender daquilo de que se solicita, basicamente:

- . Data e local;
- . Identificação da instituição/órgão a que se destina a solicitação;
- . Vocativo;
- . Referência – antecipação daquilo que se solicita;
- . Identificação completa do solicitante/remetente;
- . Exposição do fato e pormenorização do motivo da solicitação;
- . Fundamentos da solicitação (lei municipal etc.);
- . Solicitação (em destaque);
- . Agradecimento pela expectativa de atendimento ao que se solicita;
- . Despedida – “Atenciosamente”;
- . Assinatura;
- . Outros elementos e anexos (cópia de documentos, de matérias jornalísticas etc., a depender do caso).

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
- 4. Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. Tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo consideradas “texto insuficiente”.
 - 4.2. Fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. Apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.